

Falência do marxismo.

Para José Bueno. 18/10/89.

Grandes empresas coletivas, envolvendo milhões de pessoas, desenrolando-se por séculos, ocupando regiões geográficas vastas, parecem exigir critérios diferentes de empresas mais limitadas. Como julgar, por exemplo, se a Igreja católica, ou a colonização das Américas, ou a Revolução industrial, teve ou não teve o resultado visado? Mas isto não impede que determinados juízos a respeito de tais empresas possam (e devam) ser formulados. Por exemplo: como não admitir que a Igreja falhou, já que não aboliu o pecado, embora tenha alcançado êxitos em terrenos não pretendidos pelos seus fundadores? Como não admitir que a colonização norte-americana se revelou mais bem sucedida que a sul-americana, e isto não apenas quanto ao seu propósito inicial (abrir mercados e rotas), como quanto ao seu propósito ulterior (abrir alternativa para a Europa)? Como não admitir que a Revolução industrial ultrapassou de longe as expectativas dos seus iniciadores? Tais juízos são inevitáveis, e querer evitá-los seria querer esquivar-se. Ora: os acontecimentos dos últimos mezes, e sobretudo a sua precipitação nestes últimos dias, obriga-nos, enquanto intelectuais, a formularmos este tipo de juízo com relação ao marxismo. Podemos perfeitamente acentuar que tais juízos não seguem os mesmos critérios dos aplicados em empresas mais limitadas, e devemos fazê-lo. E podemos perfeitamente admitir que os acontecimentos podem vir a obrigar-nos a revisar nossos juízos. Mas o que não podemos é suspender juízo.

Ao admitirmos que o marxismo está falindo, estamos antes de mais nada admitindo a falência do humanismo. Todas as demais formas de humanismo (tais quais se articulam a partir do trecento) se fundamentam sobre antropologia "metafísica": o homem seria algo "mais" que a natureza que o determina (por exemplo "espírito", "mente", "alma", ou mesmo apenas "identidade"). Por tal fundamento "metafísico" todo humanismo pré- ou pos-marxista se torna inaceitável sob a luz dos conhecimentos e das experiências atualmente disponíveis. A antropologia inerente ao marxismo sugere sermos algo "menos" que a natureza que nos determina: uma espécie de carência que nega a plenitude. Não importa como tal dialética "homem/mundo" ("trop plein/vide") se articule em seus detalhes, ("alienação", "naturalização do homem pela humanização da natureza", "liberdade enquanto conhecimento da necessidade" etc.), a dignidade humano é sempre vivenciada enquanto negação do posto. O marxismo é "revolucionário" sobretudo porque para ele homem é o que nega o posto. E é esta dignidade humana que está falindo.

Por certo: podemos sustentar que o humanismo "marxista" pode sobreviver ao marxismo por ser anterior a ele. Análises atualmente em curso mostram que a dita "virada copernicana" executada por Marx em Hegel é na realidade virada de cristianismo em judaísmo. Para o judaísmo o homem é o outro do Outro, e toda antropologia judaica se fundamenta sobre o fato sermos "carentes". A surpreendente emergência de "misticismo" judeu na atualidade (Levinas, Jabès, Derrida, fundados sobre Scholem, Benjamin e incontáveis outros) parece sugerir que o judaísmo (talmudico, chassidico ou simplesmente rabinico) está tentando assumir o lugar do marxismo desfeito. Mas mesmo se assim for, (mesmo se até os pensadores estritamente cristãos se tornarem judeus), e mesmo se (como nos E.E.UU.) tal novo judaísmo se aliar ao freudismo e à dita "teo-

ria dos jogos", isto não substituirá a antropologia marxista. O que caracteriza o humanismo marxista não é tanto ser variante talmudica, mas ser "revolucionário", e isto está se perdendo. A geração à qual pertença se nutre de tal humanismo. A falência do marxismo nos priva de sustento.

Mas além de antropologia, o marxismo é epistemologia. E, neste ponto também; seu poder está na negatividade. Por certo: o marxismo afirma que a "verdade" é horizonte jamais alcançável embora infinitamente aproximável, e que a todo momento histórico a soma da verdade é maior que em momento precedente e menor que em sucedente. Mas o poder da epistemologia marxista é seu engajamento contra a mentira (ideologia). Não a busca do verdadeiro, mas a luta contra o falso o caracteriza. Isto é obvio no campo dos valores: as ideologias que se "materializam" sob "consciência falsa" (por exemplo "nação", "estado", "religião",) são combatidas, não tanto para cederam lugar a "consciência boa" (por exemplo de "classe"), mas sobretudo por serem falsas. O horror de toda forma de "consciência nacional" não é que isto impede a "revolução", mas que é mentira. Mas embora mais evidente em campo de valores, tal engajamento marxista contra a mentira funciona igualmente no campo do conhecimento. Não se trata tanto de "progredir cientificamente", mas de "humanizar o conhecimento", já que ciência "positiva" é deshumana. Ora: a falência do marxismo nos priva do critério entre verdade e falsidade. Podemos, por certo, recorrer ao critério Popperiano da "falsificabilidade", (o qual, curiosamente se revela talmudico ele também), mas o ardor da luta contra a ~~xx~~ mentira se evapora. Com a falência do marxismo todo engajamento vira inocuo.

Finalmente, além de antropologia e epistemologia, o marxismo é sistema ético-estético ("utopia"). Afirma que somente é concebível o que for feito pelo proprio homem (teoria nasce da praxis), e que a "arte" é o fundamento dos valores. Ora, tal lema "todo homem é artista" implica a noção da divisão do trabalho: conheço e setor do trabalho que me cabe. O proposito da sociedade é sincronizar a divisão de trabalho ("comunismo"), afim de proporcionar a todos conhecimentos e valores sintetizantes. Sociedade enquanto cooperativa artística (noção talmudica antiga) é o oposto de sociedade de anjos: não é contemplativa. Não importa tanto que nos países ditos "socialistas" tal sociedade se revelou o exato contrário do pretendido. O que importa é que a propria noção de sincronização criativa se tornou inoperante graças a computação, e que a utopia marxista se revelou erro. Com a falência do marxismo são nos restam utopias negativas. ("Ninguém é artista"="tous des non-artistes").

A falência do marxismo se manifesta superficialmente enquanto fenômeno politico-economico tradicional (por tanto sem muito interesse): liquidação do império russo, ressurgimento do imperio alemão (sob o disfarce "Europa"), enfraquecimento do império americano, emergência d Oriente Extremo, decadência da Africa e América Latina. Mas sob tal superficie enganadora outra coisa se articula: renascimento de ideologias tidas por mortas pelo marxismo: panislamismo, panturquismo, negritude, panarabismo, panslavismo. Estamos nos dirigindo rumo a Idade Media pos-marxista. O fanatismo negro (de direita) ressurge. Nova forma de fascismo aponta. O que demonstra o impacto da falência do marxismo: o que está falindo é a razão em sua luta desesperada contra a paixão, e anoite vai engolir o dia.